

## **A percepção da imprensa sobre a mulher carnavalesca e os festejos momescos do Rio de Janeiro na década de 1950**

ELLEN KARIN DAINESE MAZIERO\*

Ao longo da trajetória do carnaval brasileiro, as mulheres desempenharam diversos papéis, de formas distintas conforme a época, os segmentos sociais e o tipo de folguedo considerado. A fim de traçar a forma como a mulher carnavalesca foi apreendida pelos periódicos na década de 50, convém retomar a sua participação nos carnavais passados por meio de estudos realizados por historiadores que abordaram a temática, não por acaso mulheres, como Raquel Soihet (1998, 2003), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992), Olga R. de Moraes Von Simson (1991-1992) e Zélia Lopes da Silva (2004, 2008). Percorrer a trajetória das mulheres folionas ao longo do percurso do carnaval é especialmente útil para entender o papel e o engajamento assumidos pelo sexo feminino durante os festejos momescos na década de 50.

Nas décadas de 20 e 30 as mulheres sofreram uma série de pressões exercidas pelos meios de comunicação, pela literatura, pela educação formal e pelo aparato jurídico, que defendiam o recato e o decoro como atitudes adequadas para a sua conduta em sociedade, inclusive durante o carnaval. Essa visão estava atrelada ao papel de “rainha do lar-esposa-mãe” socialmente atribuído às mulheres, o qual mostrava-se condizente com as características de passividade e sensibilidade consideradas naturais à essência feminina. No entanto, desde o final do século XIX as mulheres vinham lutando para garantir a sua participação na sociedade de uma forma mais ativa, de tal modo que as primeiras décadas do século XX foram marcadas por lutas diversas, relacionadas ao direito de voto e ao exercício de profissões até então não ocupadas por elas.

De acordo com parte da bibliografia especializada, a mulher, tanto de elite quanto de classes populares, assumiu uma posição secundária nos festejos carnavalescos do período. No entendimento de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992:52), com a introdução do carnaval burguês<sup>1</sup> a partir de 1850, a participação da mulher de elite

---

\*UNESP/Assis – Mestranda – Bolsista CAPES

<sup>1</sup> Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992: 51), o chamado “Grande Carnaval” surgiu na metade do século XIX e era constituído pelas grandes sociedades carnavalescas, que começaram a despontar a partir de 1856, e tinham como finalidade a organização de grandes desfiles de carros alegóricos na

restringiu-se a uma posição de espectadora, uma vez que perdera o papel ativo na organização dos festejos e em outras atividades das sociedades carnavalescas, ao contrário da época do Entrudo, em que ocupava um papel preponderante. A elas era permitido participar apenas do curso vespertino, das batalhas de confete e serpentina, e de alguns bailes “reservados às famílias”. Com relação à mulher popular, esta tinha um papel ainda mais restrito, uma vez que os requisitos de luxo exigidos tornavam-se um impeditivo para a sua participação.

No entanto, a interpretação de Queiroz (1992) não é consensual entre os autores. Zélia Lopes da Silva (2008: 207) afirma que a tese da autora pode ser aplicada a um período muito curto, uma vez que os anos 30 sinalizam para uma maior incorporação da mulher nos festejos de rua. Ao estudar o carnaval da cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30, por exemplo, a autora chamou atenção para alterações na participação feminina de diversos segmentos sociais nos carnavais realizados na capital. As mulheres de elite passaram a organizar festas carnavalescas, como aquelas promovidas pelo Clube Harmonia, enquanto as mulheres de origem popular, principalmente as negras, integraram os cordões existentes, ocupando nos desfiles oficiais posições de porta-estandarte e, posteriormente, de porta-bandeira, além de aparecerem muitas vezes como membros de diretorias de agremiações carnavalescas. (SILVA, 2008: 208-209).

Nesse sentido, cabe frisar o papel das mulheres no surgimento das escolas de samba do Rio de Janeiro. Muitos blocos carnavalescos, gérmenes das futuras agremiações carnavalescas, foram criados nas casas das chamadas “tias”, que promoviam durante o ano rodas de samba com comida e bebida fartas. Neste período de aparecimento dos folguedos, durante a década de 20, a liderança feminina era tão expressiva que os blocos recebiam o nome da tia que os havia criado (SIMSON, 1991-1992: 18). Além disso, as casas das tias se convertiam em pólos aglutinadores de energia, onde acontecia a socialização do grupo; elas desempenhavam o papel de líderes de uma “grande família”, e suas casas eram os centros de uma série de atividades como candomblé, samba, culinária e blocos carnavalescos (VELLOSO, 1990: 213-215). Com

---

noite de Terça-Feira Gorda. Desta nova forma de festejar o carnaval fazia parte também o “curso”, que surgiu quase no mesmo momento e consistia em passeios, a princípio de carruagem e posteriormente de automóvel, em que as famílias desfilavam luxuosamente fantasiadas na tarde dos dias consagrados à folia.

o desenvolvimento dessas agremiações carnavalescas, as mulheres conseguiram expandir ainda mais a sua área de atuação, passando a ocupar a posição de porta-bandeira e a ala das baianas.

Tendo em vista as normas rígidas que norteavam a sociedade do período, cabe salientar o modo como as mulheres conseguiam transgredi-las durante os festejos. Rachel Soihet (1998: 157-176) demonstra como as descrições dos viajantes estrangeiros do século XIX e as crônicas do século XX indicavam uma maior ousadia das mulheres que, na ausência de seus noivos e maridos, caíam na folia e provocavam desconfianças em seus parceiros, que passavam a vigiá-las. Apesar das contestações impostas pela sociedade da época, a autora sinaliza que cada vez mais as mulheres populares, e também as pertencentes a outros segmentos sociais, manifestavam erotismo, e assumiam um papel transgressor nos carnavais, ao buscar nestas festividades a realização de seus desejos e de sua sexualidade, aproveitando este momento tradicional de liberação à sua plena manifestação (SOIHET, 2003: 182).

De acordo com Silva (2008), as transgressões eram mais evidentes nas fantasias usadas por essas mulheres, cujos personagens indicavam a quebra das normas tradicionais que norteavam a sociedade da época. Os disfarces apenas insinuavam leves violações, e a expressão de erotismo era feita de forma muito sutil. Na interpretação de Silva “Qualquer gesto que levasse à exposição do corpo era considerado pernicioso e impróprio à conduta da mulher ou da moça de família” (SILVA, 2008: 222).

No que diz respeito aos festejos carnavalescos dos anos 50, alguns periódicos empreenderam uma intensa cobertura, como as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*, nas quais era comum que edições praticamente inteiras fossem dedicadas a registrar os principais festejos momescos do Rio de Janeiro, principalmente aqueles destinados as camadas médias e altas, que contavam na maioria das vezes com a presença de figuras de relevo nacional e internacional. Outro importante periódico a ser considerado para compreensão da configuração do carnaval na década de 50 é o jornal matutino *Correio da Manhã*, que divulgava em suas páginas os principais bailes pré-carnavalescos e carnavalescos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, e trazia a público as instruções da polícia sobre aquilo que não seria permitido durante os festejos.

O periódico *O Cruzeiro* ressaltava a sensualidade de algumas mulheres no período, principalmente das mais jovens, e frequentemente era destacado o olhar

“malicioso, vivo e brejeiro” das garotas, as quais eram capazes de atrair a atenção dos foliões com a sua beleza, espontaneidade e graça, e de abrir as mais “cerradas portas” com as suas pernas à mostra (O CRUZEIRO, 8 mar.1952: 66). A revista trazia sempre os versinhos do escritor A. Ladino a respeito da participação feminina no carnaval, que denotavam ora um tom de aconselhamento, ora de ironia e sarcasmo. Nos vários números da revista, Ladino convocou as mulheres a aderirem francamente à farra carnavalesca, exaltando atributos como liberdade, sensualidade, alegria e jovialidade, tal qual fica evidenciado nos trechos abaixo (O CRUZEIRO, 18 fev. 1950: 35), selecionados de 1950:

*Se a vida é tão passageira,  
garotas não fazeis mal,  
transformando a vida inteira  
num eterno carnaval.*

*que me importa o moralista,  
se eu não faço isso por mal  
e quem puder que resista  
ao fogo do carnaval.*

*Que me importa o Ludgero  
que me importa o Valdemar,  
nada de afeto sincero,  
o que eu quero é me esbaldar.*

*De pierrete ou colombina,  
de calças, “shorte” ou maiô,  
vou cumprir a minha sina  
zombando do meu pierrô.*

Enquanto momento de inversão, o carnaval permitia comportamentos considerados “imorais” ou “pecaminosos” na vida cotidiana, tal como expresso nos versos acima pelas afirmações “nada de afeto sincero, o que eu quero é me esbaldar” e “quem puder que resista ao fogo do carnaval”. A provocação dos homens pelas mulheres passa a ser considerada como algo normal, típico dos festejos carnavalescos, pois como apontou Roberto da Matta (1997: 140), o corpo em movimento manifesto no carnaval exigia seu complemento masculino ou feminino, atraindo o “outro” numa alusão ao ato sexual. A norma do recato, prezada no mundo diário, é substituída pela “abertura” do corpo ao grotesco e, portanto, às suas possibilidades de tornar-se objeto de desejo e instrumento de prazer.

Os festejos momescos eram considerados como naturalmente propiciadores de inversões e transgressões, uma vez que as pessoas podiam manifestar os seus desejos e a sua sexualidade de uma forma mais aberta que no cotidiano. A manifestação da sensualidade evidencia-se nas mulheres de todos os segmentos sociais, não apenas naquelas pertencentes às camadas populares, contrariando o julgamento de que esse atributo seria exclusivo da negra e da mulata. Diferentemente das décadas de 20 e 30, em que a sociedade brasileira apresentava-se mais rígida e normatizadora e o disfarce ocupava um papel preponderante nas transgressões femininas (SILVA, 2008: 221), na década de 50 é possível perceber a inversão e o extravasamento das mulheres principalmente nas poses e atitudes registradas pelas lentes da imprensa, que por vezes criticava determinados comportamentos. Isso não significa que as fantasias tenham sido abandonadas pelas mulheres como forma de manifestação de seus desejos, mas sua presença nos carnavais foi menos recorrente nessa década.

É visível em várias reportagens das revistas ilustradas o comprometimento dos jornalistas/fotógrafos com a idéia de carnaval como inversão e quebra de hierarquia, como fica evidenciado em frases do tipo:

*foram três dias de tremendos desrecales coletivos, 3 dias mágicos durante os quais pairou sobre a cidade inteira uma atmosfera misteriosa e inebriante, três dias de evasão das pequenas coisas que compõem a vida rotineira, com as suas convenções, os seus costumes, os seus valores estabelecidos. Homens e mulheres foram buscar no mais profundo de si mesmos os desejos insatisfeitos, os complexos de infância, as ambições irrealizadas, a inquietação irrevelada, a sede soturna de amores e aventuras - e em rápidas horas de loucura consciente, das mais variadas formas, a maioria delas à maneira de uma legítima “transferência” onírica, procuravam a realização dos seus verdadeiros eus. (O CRUZEIRO, 22 mar. 1952: 51)*

Desse modo, os periódicos procuravam registrar imagens que manifestassem a inversão dos valores estabelecidos, a fim de sustentar um ponto de vista sobre os festejos. Embora as fotos não sejam o único elemento que demonstre o caráter transgressor do carnaval, verifica-se que eram usadas como evidências desse julgamento, de modo que mesmo sendo muitas vezes posadas, eram apresentadas como se fossem espontâneas, a fim de atribuir ao discurso maior poder de convencimento, e criar a ilusão de que os comportamentos eram recorrentes, podendo ser flagrados a qualquer instante.

Em diversos bailes, como o das atrizes, o do Municipal e o do Copacabana, é perceptível por meio das fotografias presentes nos periódicos uma maior liberdade de certas mulheres, que subiam nas mesas e exibiam-se movimentando seus corpos. Na figura 1, datada de 1958, uma foliona aparece divertindo-se sobre uma mesa cercada de homens, com uma perna levantada e um copo de bebida na mão, ao mesmo tempo em que posa para o fotógrafo, durante o Baile dos Artistas no Hotel Glória. É provável que o editor de imagens tenha selecionado essa fotografia, entre tantas outras registradas, pois era mais significativa para corroborar a idéia de carnaval como inversão da ordem e demonstrar o desnudamento maior existente no Baile dos Artistas. O comportamento apresentado pela mulher nesta imagem poderia ser entendido pelos leitores da revista como admissível, tratando-se de uma festa carnavalesca freqüentada principalmente por artistas. No entanto, a manifestação de tal comportamento não seria aceita com naturalidade se fosse flagrada no cotidiano, uma vez que o código de conduta pregava a discrição como regra de comportamento a ser seguida pelas mulheres em ambientes públicos.



**Figura 1 - Mulher em cima da mesa no baile dos Artistas do Hotel Glória em 1958 (MANCHETE, 15 fev. 1958: 47)**

O período marcou mudanças significativas quanto às vestimentas utilizadas no carnaval, com as fantasias luxuosas e ornamentadas, típicas dos festejos passados, cedendo lugar a roupas mais leves, como shorts, blusas tomara-que-caia, baby dolls e fantasias que expunham as pernas, e permitiam às folionas brincar de maneira mais livre o carnaval.

Na década de 50 o chamado “Grande Carnaval” ou “Carnaval burguês” encontrava-se ainda decadente, com o curso vespertino praticamente desaparecido e os desfiles dos préstitos tendendo para o mesmo fim. Essa modalidade de carnaval, que já vinha perdendo popularidade entre os foliões antes mesmo da Segunda Guerra Mundial e da ditadura varguista, foi abalada ainda mais por esses dois eventos, que causaram aos festejos um período de interregno, e por fim a sua definitiva extinção na década de 50 (SILVA, 2004: 69). Nesse contexto, as escolas de samba, originárias das camadas populares, ganharam destaque cada vez maior, imprimindo outra forma de brincar o carnaval no país.

Ao longo da década de 50 a morte gradual do carnaval de rua foi anunciada pelos periódicos trabalhados neste trabalho, que apesar de registrarem a melhora dos festejos em alguns anos, mostraram de forma recorrente a decadência dos folguedos de rua e o conseqüente refúgio dos foliões nos salões. Entre os fatores apontados para o decréscimo do carnaval de rua encontram-se: a situação econômica do período (a inflação chegava a 25,6% em 1954), as restrições impostas aos foliões, a descentralização dos festejos, a comercialização do carnaval, o aumento do número de espectadores em detrimento do número de foliões ativos, o desenvolvimento de grandes clubes e sociedades, a fuga de não carnavalescos, a modificação dos costumes, o relaxamento das fantasias (passou a ser freqüente o uso de trajes esportivos que, segundo a imprensa, tiravam o encanto do carnaval), e a suposta “imoralidade” dos festejos.

De fato, o carnaval na década de 50 passava por mudanças, como a intensificação da perda de prestígio do desfile dos préstitos, que outrora representava o ponto alto do carnaval carioca. Durante o período, era freqüente que as Grandes Sociedades ameaçassem não desfilar devido ao atraso ou à quantia insuficiente das subvenções oficiais. Sendo assim, importantes sociedades do passado deixaram de comparecer à terça-feira gorda, como os “Democráticos” - que não participaram dos festejos de 1951, 1954 e 1957 - e os “Tenentes do Diabo” - que não desfilaram em 1954 - embora recebessem significativo apoio dos órgãos oficiais e os melhores prêmios oferecidos pela Prefeitura do Distrito Federal. Não obstante recebessem quantias menores, os ranchos e as escolas de samba eram considerados os responsáveis por manter viva a tradição carnavalesca.

Apesar do crescimento das escolas de samba, os periódicos relatavam a ausência de um grande número de foliões nas ruas, o que poderia ser explicado pela imposição de restrições à livre iniciativa dos foliões e pela modificação no espírito da festa causada pela oficialização do carnaval em 1934, entendida por muitos jornalistas e comentaristas como prejudicial à animação espontânea do povo. Nos anos 50 os bailes e desfiles eram realizados sob prévia autorização da prefeitura e contavam na maior parte das vezes com um forte esquema policial. Era expressamente proibido o uso de roupas de banho como fantasias e de vestimentas que pudessem atentar contra a moral e os bons costumes, e em alguns anos – 1951, 1952, 1954, 1955, 1956 – a utilização do lança-perfume em locais fechados também foi vetada.<sup>2</sup> No entanto, essas proibições não eram suficientes para impedir a manifestação de tais comportamentos, e muitos foliões conseguiram transgredir as normas em vários festejos ao longo da década.

Outros fatores foram considerados responsáveis pela decadência do carnaval de rua, como o crescimento da procura pelos salões e clubes e a própria descentralização dos festejos. Os encontros dos carnavalescos ocorriam no período principalmente no centro do Rio de Janeiro, em locais como a Praça Onze de Junho, a Praça Tiradentes, a confluência das Avenidas Presidente Vargas e Rio Branco, a Praça Floriano Peixoto e a Praça Mauá. No entanto, os bairros e subúrbios passaram a realizar os seus próprios festejos e os foliões não mais precisavam se deslocar até as principais avenidas da cidade para brincar o carnaval, sobretudo com o surgimento de clubes esportivos e agremiações sociais e recreativas, que abriam seus salões para os bailes carnavalescos.

Dessa forma, em cada canto da cidade havia uma forma particular de festejar o carnaval: as zonas norte e oeste do Rio de Janeiro, por exemplo, manifestavam uma espécie de independência carnavalesca e destacavam-se principalmente pelos coretos e pela decoração das ruas, embora houvesse também os clubes que atraíam um grande número de foliões, como o “Bangu Atlético Clube” (Bangu), “Clube Unidos do Itararé” (Ramos), “Clube Carnavalesco Prazer das Morenas” (Bangu), “Associação Atlética do Grajaú” (Grajaú), “Grêmio Recreativo Vera Cruz” (Piedade), ”Social Grêmio

---

<sup>2</sup> Tomando como referencial as portarias do chefe de polícia a respeito do que seria permitido nos festejos carnavalescos, publicadas no jornal *Correio da Manhã*, a interdição do uso de lança-perfume em locais fechados ficou expressa de forma mais evidente apenas nos anos mencionados.



Esportivo” (Penha), “Madureira Tênis Clube” (Madureira), “São Cristovão de Futebol e Regatas” (São Cristovão), “Jacarepaguá Tênis Clube” (Jacarepaguá), entre outros.

Os carnavais de rua da zona sul, por sua vez, foram descritos como mais internos, com os festejos realizados principalmente nos salões de clubes carnavalescos e esportivos de bairros como Flamengo, Jardim Botânico, Botafogo, Glória e Copacabana. (CORREIO DA MANHÃ, 1957: s/p). Devido a sua posição geográfica, entre o Oceano Atlântico e a Baía de Guanabara, os folguedos de rua da zona sul do Rio de Janeiro se caracterizaram pelas brincadeiras nas praias, com banhos de mar à fantasia e a presença de alguns blocos isolados.

Se por um lado o carnaval de rua foi visto como declinante, por outro o carnaval de salão atingiu o seu esplendor máximo na década de 50, tendo o Rio de Janeiro assumido importante papel na celebração desse tipo de festejo, chegando inclusive a servir de modelo a outros lugares (SEBE, 1986: 64). A imprensa informava com grande entusiasmo sobre a vitalidade dessa modalidade, que se realizava durante todo o período carnavalesco e atendia a públicos variados. Para realização dos famosos bailes, diversos clubes, teatros, associações de classe e entidades recreativas disponibilizavam os seus salões, dentre os quais pode-se destacar os teatros Municipal, Carlos Gomes e João Caetano, os hotéis Copacabana, Quitandinha e Glória, os clubes High-Life, Fluminense, Flamengo e Iate Clube, e os clubes carnavalescos Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos, entre outros.

Embora tenham sido recorrentes as críticas ao carnaval de rua nos anos 50, considerado o período de “morte” dos festejos, a jornalista Eneida (1958: 307-310) - primeira a fazer uma história do carnaval carioca - caracterizou os festejos do período como alegres e marcados pela grandeza dos desfiles das escolas de samba. A autora, que vivenciou o clima carnavalesco nos anos dourados e representa uma testemunha *in loco*, contestou a idéia de que os festejos estariam desaparecendo no período, sustentando a opinião de que o carnaval brasileiro poderia modificar-se como consequência de um mundo em transformação, mas jamais morreria.

De acordo com a imprensa, houve no período um crescimento significativo das escolas de sambas, as quais passaram a ocupar cada vez mais o espaço do carnaval de rua, imprimindo outra forma de brincar os festejos momescos no país. No entanto, não seria possível restringir o centro dos folguedos carnavalescos a seus desfiles, pois os

carnavais nos salões apresentavam uma intensa vitalidade no período, sendo elogiados pelos periódicos por sua animação. As mudanças verificadas no carnaval por meio da cobertura da imprensa constituem evidências de uma sociedade em fase de transição, que passava a brincar o carnaval de outra maneira, com a descentralização dos festejos, a ascensão das escolas de samba e a modificação dos costumes.

### **Referências Bibliográficas:**

#### **Periódicos:**

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1950-1959.

Manchete. Rio de Janeiro, 1953-1959.

O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1950-1959.

#### **Artigos e Livros:**

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ENEIDA. *História do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro. O vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SEBE, José Carlos. *Carnaval, Carnavais*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais na cidade de São Paulo nos anos de 1935 a 1945. In: FENELON, Dea Ribeiro e outros (Orgs.). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho da Água, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*. São Paulo: Editora Unesp; Londrina: Eduel, 2008.

SIMSON, Olga R.de Moraes von. Mulher e carnaval: mito e realidade (Análise da atuação feminina nos folguedos de Momo desde o Entrudo até as Escolas de Samba). *Revista de História*, São Paulo, n.125-126, pp. 07-32, ago-dez/91 a jan-jul/92.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

\_\_\_\_\_. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n.6, pp. 207-228, 1990.